

# A ENTREVISTA EM SITUAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA: REFLEXÕES NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Décio Rocha (UERJ)\*

Maria Del Carmen Daher (UERJ)\*\*

Vera Lúcia de Albuquerque Sant'Anna (UERJ)\*\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo discutir o estatuto de textos produzidos em situação de entrevista no contexto de pesquisas em ciências humanas e sociais. Pretende-se tratar a entrevista como dispositivo de produção de textos a partir de uma ótica discursiva – produção situada sócio-historicamente, prática linguajeira que se define por uma dada configuração enunciativa que a singulariza. Justificam a escolha do tema a necessidade de melhor conceituar a entrevista e a relevância de um enfoque que explicita a complexidade do referido gênero de discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** pesquisa em ciências humanas e sociais, gênero do discurso, entrevista.

**ABSTRACT:** This article has as its purpose to discuss the constitution of texts produced in interview situations in research contexts in humanities and social sciences. It treats the interview as a mechanism of text production from a discursive viewpoint – socio-historically situated production, language practice that is defined by a given enunciatively configuration that makes it singular. The choice of the theme is justified by the need of a better way of conceptualizing interview and by the relevance of a focus which can elucidate the complexity of the interview as a discursive genre.

**KEYWORDS:** research contexts in humanities and social sciences, discourse genre, interview.

Este artigo tem por objetivo discutir o estatuto de textos produzidos em situação de entrevista no contexto de pesquisas em ciências humanas e sociais<sup>30</sup>. Mais especificamente, pretende-se tratar a entrevista como dispositivo de produção de textos a partir de uma ótica discursiva – produção situada sócio-historicamente, como prática linguageira que se define por uma dada configuração enunciativa que a singulariza.

Dentre os fatores que justificam a escolha do tema, citamos uma dupla ordem de argumentos: por um lado, a urgência de um trabalho de conceptualização sobre a entrevista; por outro lado, e de modo intimamente relacionado ao item anterior, a relevância de um enfoque que explicita a complexidade do referido gênero de discurso.

No que diz respeito à necessidade de um trabalho de conceptualização da entrevista, estamos certos de que, no âmbito das pesquisas realizadas em diversos campos de conhecimento, a entrevista vem sendo concebida na acepção mais corrente do termo, a saber, “colóquio entre pessoas em local combinado, para obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões etc.”<sup>31</sup>. Não se tem realizado um trabalho de conceptualização, de teorização da entrevista como dispositivo de captação de outras vozes que se consideram pertinentes a uma dada atividade de pesquisa<sup>32</sup>. A ausência de tal modalidade de trabalho produz, dentre outros,

um efeito indesejável que queremos aqui enfatizar: a não-problematização da entrevista enquanto gênero discursivo. Com efeito, tratar a entrevista como mero instrumento de coleta de informações ou opiniões significa negligenciar a diversidade de “subgêneros” passíveis de inclusão na referida categoria, aos quais parecem corresponder funções bastante diversas: entrevistas realizadas em programas de televisão, entrevistas realizadas por profissionais do jornalismo, entrevistas realizadas em diferentes espaços de trabalho como etapa de processo de seleção de profissionais, para citar apenas alguns exemplos. Desde já fica claro que a diversidade de funções e de objetivos perseguidos por cada modalidade de entrevista – divertir, informar, entreter o público, avaliar – impede-nos de buscar algum tipo de identidade estável que funcione como ponto de interseção de suas diferentes manifestações. Por essa razão, entendemos como necessário refletir sobre o modo singular como a entrevista se atualiza em um contexto particular: o contexto da pesquisa acadêmica.

## **1. A entrevista nos limites do dito**

Levando-se em conta a orientação dos estudos dialógicos e enunciativos da linguagem, neste item nos dedicamos a observar em livros sobre metodologia da pesquisa em ciências humanas e sociais de que forma é tratada a entrevista em situação de pesquisa acadêmica. No referido contexto, não raro nos deparamos com enunciados que traduzem a consagrada crença que atravessa a maioria dessas obras, segundo a qual a entrevista é descrita como “ferramenta”. Vejamos os fragmentos a seguir:

*A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. (Lüdke; André, 1986: 33-34).*

*A entrevista dirigida em pesquisa é um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham*

*essas informações e possam emití-las. (Chizzotti, 1995: 57)*

*... o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (...). A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (Lakatos; Marconi, 1994: 195)*

Ou, ainda:

*As entrevistas constituem uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre um determinado tema. (Pádua, 2000: 66).*

Citamos apenas alguns exemplos, aleatoriamente selecionados, dentre os inúmeros que podem ser encontrados nas obras em circulação na área. Essa compreensão, bastante estendida, da entrevista como ferramenta<sup>33</sup> ou como técnica que auxilia o informante a expressar uma informação a ser recolhida pelo entrevistador numa determinada interação pressupõe um papel atribuído à entrevista de facilitador da revelação daquilo que o informante sabe e que o entrevistador precisa saber. Essa revelação funcionaria como uma verdade que, após ser recolhida, responderia às indagações do analista. Pressupõe, pois, uma visão de linguagem homogênea, monológica, transparente, de sentido monossêmico, segundo a qual o dito por um sujeito uno corresponde à representação de uma verdade.

Essa crença de que o dito equivale a uma informação com valor de verdade revelada pode ser observada mesmo entre autores que compreendem que a situação de entrevista não corresponde a “uma conversa neutra”, como, por exemplo, no fragmento a seguir:

*A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez*

*que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores (...) Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. (Minayo, 2002: 57)*

Outra manifestação da idéia de informação como verdade parece estar associada à noção de fidedignidade. Szymanski (2002:14-15), por exemplo, ainda que reconhecendo que “o significado é construído na interação”, declara que submeter a entrevista ao próprio entrevistado “é uma forma de aprimorar fidedignidade, ou, como lembra Mielzinski (1998:132), ‘assegurar-nos de que as respostas obtidas sejam ‘verdadeiras’ - isto é, não influenciadas pelas condições de aplicação e conteúdo do instrumento”. Ratifica-se desse modo uma concepção de linguagem monológica e transparente.

É recorrente, pois, a idéia de que o pesquisador desvela o que está oculto, em geral, a partir da inferência, por meio do processo de dedução, que seria um caminho para superar impressões ou intuições. Tudo isso sempre em nome do rigor científico, cuja prática seria responsável pela definição do procedimento de análise, de forma que o pesquisador possa traduzir o dito e revelar a verdade que estava oculta. Oculta, porém, resgatável.

É possível perceber, entretanto, algumas propostas que começam a abrir brechas nesse entendimento mais generalizado como, por exemplo, a de Pinheiro (2000), que afirma que, para analisar a relação entre entrevistador-intervistado numa determinada situação da área de saúde, “fazia-se necessário focar essa relação despojada de qualquer aproximação diagnóstica que reproduziria a relação do cliente que não sabe e do profissional que sabe e buscar uma forma de análise que possibilitasse maior aproximação com a versão do usuário” (Pinheiro, 2000:184). Ao considerar o dito pelo entrevistado como uma versão daquilo que lhe é solicitado informar, a autora afasta-se da idéia de coleta de uma verdade

absoluta, fidedigna ou oculta, e assume a necessidade de buscar nas práticas discursivas o processo, o movimento, o sentido, fazendo com que a entrevista seja o lugar no qual se constroem possíveis versões de realidade. A autora afirma ainda que, “ao nos aproximarmos da versão do usuário (...), podemos concluir que o importante, além de ouvir, compreender ou acolher as queixas é, antes de mais nada, ressignificá-las” (Pinheiro, 2000: 213). Ainda que a metodologia de sua análise não seja exatamente a que adotamos, seu ponto de vista teórico rompe com a generalizada crença da correspondência entre o dito e a verdade.

Outra referência que atravessa a maioria das obras de metodologia científica aproxima entrevista e interação, sendo a interação denominada de diferentes modos: “tipo de comunicação”, “conversa”, “conversação face a face, de maneira metódica”, “conversa com propósitos definidos”. Os diferentes reformulantes de *entrevista* não são, contudo, suficientemente bem definidos: os autores não explicitam o que entendem por “conversa”, “conversação” ou qualquer outro termo empregado, sugerindo apenas tratar-se de interações que poderiam ser classificadas como pertencentes a um gênero primário (Bakhtin, 1992). Se assumimos uma perspectiva dialógica, constataremos que a entrevista em situação de pesquisa não pode corresponder ao que se entende por gênero primário, uma vez que nela existe – mais ou menos estruturado – um roteiro a ser seguido: estar em presença não é condição necessária ou suficiente para caracterizar uma interação face a face cotidiana, espontânea.

Uma conseqüência curiosa dessa incompreensão da situação da entrevista em pesquisa são as afirmações que localizamos reiteradamente em obras de metodologia sobre a sua utilidade no caso de informantes analfabetos. Não é raro encontrar quem recorra a argumentos como “o informante foi entrevistado porque não sabia escrever”. Observe-se, por exemplo, o fragmento a seguir:

*[a entrevista] se mostra particularmente útil, quando a amostra é composta por pessoas que não têm condições de dar respostas por escrito como, por exemplo, no caso dos analfabetos, ou quando as perguntas exigem respostas de natureza mais complexa.... (Moura; Ferreira; Paine, 1998:80)*

A afirmação de que a entrevista se mostra particularmente útil com o referido tipo de informante parece sustentar a crença em um *continuum* de diferentes gêneros do discurso, estando em uma de suas extremidades o questionário, a ser respondido por escrito e, em outra, a entrevista, falada<sup>34</sup>. Com efeito, antes de se justificar como elemento de facilitação do acesso a informantes que não dominem o código escrito, o recurso à entrevista parece justificar-se pela singularidade das práticas de linguagem que autoriza – práticas que implicam uma dada configuração de coenunciadores que, a partir de lugares enunciativos determinados e sob coerções específicas, serão capazes de produzir um texto.

Uma última observação a ser feita no que diz respeito à entrevista no âmbito da pesquisa acadêmica remete à não-discriminação entre os objetivos da pesquisa e os da entrevista, como se pode observar no seguinte fragmento: “O pesquisador ... vai recolhendo os dados que o conduzem à progressiva elucidação do problema, à formulação e à confirmação de suas hipóteses” (Chizzotti, 1995: 93). A não-discriminação de uma dupla ordem de objetivos (os objetivos da pesquisa e os da entrevista) implica que o entrevistado seja abordado a partir dos objetivos da pesquisa e não dos objetivos da própria entrevista. Produz-se, desse modo, um certo deslocamento da palavra do entrevistado, que passa a ocupar o espaço daquele que fornece respostas às perguntas da pesquisa (lugar que, obviamente, deveria ser ocupado pelo pesquisador).

Essa coincidência de objetivos parece ainda corresponder a um dos problemas que mencionamos anteriormente: a pouca preocupação com a definição do que seria um roteiro de entrevista para atender às necessidades de uma situação de trabalho acadêmico. Algumas obras chegam a mencioná-lo como importante, fazendo referência a procedimentos constitutivos da entrevista, porém não localizamos nenhuma forma de detalhamento para a construção desse roteiro, em particular no que concerne à necessária distância a ser mantida entre objetivo da pesquisa/objetivo da entrevista, ou entre pergunta da pesquisa/pergunta da entrevista<sup>35</sup>.

A discussão que fazemos até o momento tem o mérito de levantar pontos relevantes acerca da entrevista, mas não é

suficiente para definir as marcas que a caracterizam na situação de pesquisa científica. Dito de outro modo, parece que já podemos afirmar com alguma segurança o que a entrevista não é: a entrevista não é ferramenta; não está a serviço da captação de verdades; seus objetivos não podem coincidir com os da pesquisa que lhe dá sentido. Porém, como encaminhar uma reflexão que apresente alternativas ao que ora se nega? Este será o desafio dos próximos itens.



## **2. O lugar da entrevista no universo discursivo**

Iniciamos nossa reflexão procurando recuperar alguns dos conceitos que fundamentam nosso ponto de vista acerca do dispositivo 'entrevista' no bojo do trabalho científico. Pretendemos ainda estabelecer passos metodológicos de constituição de um *cópus*, sendo aí explicitadas as semelhanças que se verificam entre diferentes práticas linguageiras (quer trabalhem com entrevistas ou com qualquer outra prática). Nosso objetivo será, desse modo, caracterizar a entrevista enquanto dispositivo enunciativo, rejeitando-se o ponto de vista que nela reconhece tão-somente o papel de mera ferramenta que possibilita ao entrevistador o acesso à "verdade" do entrevistado.

### **2.1. Discurso e espaços de circulação: a intervenção do pesquisador**

Para abordar a entrevista no âmbito da pesquisa acadêmica, partimos da evidência da existência de diferentes textos que circulam em espaços e suportes variados (impressos, conversas cotidianas, interações sistemáticas ou casuais, de mais fácil ou mais difícil acesso, etc.) e que se revelam, por extensão, indicadores da existência de diferentes comunidades discursivas. A referida evidência da existência desses textos é o que nos possibilita ingressar em uma atividade de pesquisa: só se propõe, por exemplo, a realização de uma entrevista no curso de uma pesquisa quando se sabe que determinado(s) texto(s) existe(m) no universo de discursos produzidos<sup>36</sup>. Com algum humor, diríamos que não nos ocorreria a idéia de entrevistar seja quem for para ter acesso às representações que se constroem sobre uma dada lei federal brasileira que proibiria, a partir de determinada data, todo e qualquer movimento de imigração, pelo simples fato de que tal lei não existe (o que, portanto, parece ser razão suficiente para garantir que não se tenha produzido qualquer texto a respeito).

Tal evidência de que existem efetivamente diferentes textos que circulam em espaços variados coloca um outro problema: textos circulam com maior ou menor possibilidade de acesso, configurando-se como mais ou menos "publicizáveis".

Isto significa dizer que há textos que efetivamente são produzidos com uma mínima possibilidade de acesso por parte de terceiros, isto é, textos cuja circulação é bastante restrita e que não se prestam, por suas próprias características enunciativas, a quaisquer formas de publicização. Na verdade, as dificuldades de publicização a que nos referimos distribuem-se gradualmente e se apresentam igualmente em diferentes campos de pesquisa, a exemplo dos trabalhos em sociolinguística, que têm constituído o lugar por excelência de uma reflexão sobre tais dificuldades, como bem o demonstra o conhecido “paradoxo do pesquisador” (Tarallo, 1990), situação que reflete a necessidade de, no curso de sua pesquisa, o pesquisador estar simultaneamente presente e ausente em um dado campo.

Como exemplos de textos que se produzem em um circuito bastante restrito e que oferecem, portanto, um grau mais acentuado de fechamento a terceiros, podemos citar as interações médico-paciente, as sessões analista-analisando, as reuniões de altos cargos executivos de uma empresa. Com efeito, em todas as situações mencionadas, por razões de diferentes ordens – privacidade da matéria discutida, intimidade das confissões que se fazem, natureza dos temas abordados, riscos iminentes diante da divulgação de estratégias acordadas – apresentam-se obstáculos à divulgação desses textos junto a terceiros. O mesmo poderia ser dito acerca de textos produzidos em suporte escrito como, por exemplo, os diários íntimos. Não se pretende aqui afirmar a existência de uma categoria particular de textos que resistiriam a um modo de circulação mais amplo, em oposição a textos que não oferecessem nenhuma resistência nesse sentido, pois sabemos que, seja qual for a situação, sempre haverá a necessidade de uma negociação mais ou menos prolongada, mais ou menos tensionada, acerca das condições nas quais o acesso a uma dada produção textual é franqueado.

Avançando ainda na reflexão sobre a escolha da estratégia de acesso a uma dada massa de textos (coleta de jornais, revistas; gravação de uma conversação ou de uma reunião de trabalho; entrevista), percebemos que sempre interfere aqui o pesquisador: em função do tipo de pesquisa, escolherá, por exemplo, tal ou qual jornal, coletando-o diariamente ou não, etc. Tal interferência é direta e, talvez, mais visível na situação de entrevista, que se caracteriza como verdadeira situação de

enunciação envolvendo entrevistador e entrevistado, da qual resulta um texto original, normalmente falado e gravado, fruto do encontro de pelo menos dois atores; é menos direta, menos visível, quando o pesquisador apenas tem acesso a gravações de interações de serviços prestados, por exemplo<sup>37</sup>; parece ainda menos visível quando se recorre a textos que circula(ra)m independentemente da pesquisa em curso, como é o caso da coleta de notícias em jornal, de editoriais de revistas, de um conjunto de artigos científicos tratando de uma determinada área, etc. Contudo, também nesses casos de menor visibilidade de interferências do pesquisador, podemos ainda detectar algumas de suas implicações: ao reunir, por exemplo, notícias publicadas em um jornal sobre determinado tema, em determinado período, o pesquisador está construindo “um novo texto”, pois em nenhum lugar anterior se encontraria, por exemplo, lado a lado, o conjunto de discursos presidenciais proferidos em 1º de maio aos trabalhadores<sup>38</sup>, ou ainda o conjunto de textos postos em circulação por um dado jornal acerca do evento de 11 de setembro em Nova Iorque<sup>39</sup>. Queremos com isso dizer que algo de novo aí se produziu: em um diálogo subreptício com um outro (os presidentes da república, o enunciador jornalista, etc.), o pesquisador produz “um novo texto”, participando de uma interação não menos real que as demais – ou, diríamos ainda, não menos real que a verificada ao se realizar uma entrevista.

## **2.2. A entrevista: dispositivo de condensação de diferentes situações de enunciação**

Como observamos no item anterior, no caso da entrevista, o diálogo travado entre entrevistador e entrevistado é explícito, e o texto resultante se caracteriza como co-construção dos referidos atores. É, de fato, tão explícito o “efeito de real” que se produz no decorrer da entrevista que o referido texto, construído a várias mãos, acaba muitas vezes criando a ilusão de poder expressar a realidade com um grau máximo de fidelidade, ponto de vista que não compartilhamos por optarmos por uma perspectiva que mantém a distância entre a situação empírica e a situação discursiva, conforme argumentamos a seguir.

Já nos referimos anteriormente à evidência de uma “massa de textos” que constitui o universo discursivo no interior do qual o pesquisador deverá ser capaz de construir um *espaço discursivo* (Maingueneau, 2002) pertinente ao que pretende investigar. Partindo-se, pois, de tal evidência, diremos que textos são produzidos, circulam em diferentes suportes e se distribuem de formas variadas no universo discursivo. De que modo recortar um subconjunto de textos que se apresente como relevante para uma dada atividade de pesquisa? Parece-nos que diferentes estratégias são possíveis a esse respeito, em função do que se pretende apreender como posição enunciativa.

O que fazemos, por exemplo, quando resolvemos trabalhar com notícias de jornal, ou com artigos de uma certa revista, numa pesquisa que assuma uma ótica discursiva? Partimos, parece-nos óbvio, do modo como os referidos textos se apresentam: compramos o jornal ou a revista numa banca ou fazemos uma busca em arquivos e/ou biblioteca, quando se trata de material produzido há algum tempo e não disponível de forma mais imediata. Inauguramos, deste modo, um “diálogo” com esse material apenas “coletado”: estabelecemos objetivos para estarmos coletando dados, sempre considerando a possibilidade de termos acesso a parte dos textos pretendidos e não à sua totalidade (há, por exemplo, números de revistas que não estão disponíveis ou que se perderam, ou ainda arquivos de difícil manuseio para a pesquisa). Trata-se, como se vê, de um primeiro passo em direção à constituição de um *cópus*, o qual não coincide nunca com a “massa de textos produzidos e coletados”, mas com aquilo que interessa ao pesquisador no interior de um dado universo de textos a que tem acesso.

Parece-nos lícito supor que, na entrevista, algo de parecido acontece como procedimento, contrariamente ao que, em geral, se pensa quando está em questão o referido gênero: se recorreremos à entrevista, é porque não temos acesso imediato a uma determinada “massa de textos” que, de alguma forma, já deve existir (e cujo acesso não é imediato). Ao entrevistar, por exemplo, imigrantes galegos para saber como definem “identidade brasileira e galega”<sup>40</sup>, o pesquisador está, na realidade, provocando, num dado momento/espaço, a atualização de textos que foram regularmente produzidos por tais atores em outros momentos/espaços, como, por exemplo, em conversas cotidianas

(em família, numa instituição de amparo a imigrantes, etc.), mas cujo acesso por parte do pesquisador seria extremamente difícil, uma vez que este precisaria acompanhar o referido ator em todas as suas interações, durante um período de tempo mais ou menos extenso, aguardando que em algum momento o tópico pretendido fosse abordado, etc.

Consideramos como bastante oportuna nossa hipótese acerca da existência de tais textos em momento anterior ao da realização da entrevista<sup>41</sup>. Isto se comprova pela própria condição de realização da entrevista: não seria uma opção do pesquisador entrevistar não importa quem para saber a respeito do modo como imigrantes galegos constroem tais representações. Em outras palavras, só se entrevista quem já “sabe” algo a respeito de determinado tópico (isto é, quem é capaz – ou quem vem sendo capaz – de produzir texto(s) a respeito do que se deseja saber). Tal ordem de argumentação pode parecer óbvia, mas o que queremos acentuar no momento é que a obviedade do dito não vem se constituindo em argumento suficientemente forte para evitar determinados equívocos presentes em muitos dos trabalhos que parecem considerar o texto resultante de entrevistas como “a verdade” a ser assumida pelo pesquisador (conforme apontamos no item 1). O fato de tal escolha recair sobre quem “já sabe a respeito” como condição para a entrevista é algo que ratifica nossa opinião de que o referido saber já se atualizou anteriormente em outras interações. Outra prova disso são, por exemplo, as marcas de discurso relatado que podem se atualizar no texto do entrevistado:

*cheguei lá e falei pra o porteiro (+) eu quero (+) eu queria me inscrever para trabalhar (+) pode subir ao segundo andar (+) aí chego ao segundo andar ( ) (+) há que encher uma ficha (+) mas e que eu não sei falar português (+) nin escribilo (+) aí falou assim (+) bueno senta-te aí (+) e escreve (+) escreve e qualquer coisa você vai me falando que eu te ensino (+) ( ) / / (+) aí cheguei em casa (+) e disse pra minha irmã (+) olha fui me inscrever no hotel<sup>42</sup>*

O relato desenvolvido pela entrevistada recupera sua própria voz em diferentes momentos de interação (com o porteiro

do hotel, com a irmã), assim como a voz de outros (a do porteiro), o que nos parece constituir um argumento relevante para ratificar a “existência prévia” de tal “massa de textos” à qual provavelmente não se teria acesso senão por intermédio da entrevistada.

Se falamos aqui de uma “massa de textos” produzidos em momento anterior ao da realização da entrevista, isto não significa que a entrevista seja a mera repetição de algo anteriormente produzido. Trata-se de uma nova situação de enunciação que reúne entrevistador e entrevistado, situada num certo tempo, num espaço determinado, revestida de um certo *ethos*<sup>43</sup>, com objetivos e expectativas particulares, etc. Tudo isto que caracteriza a entrevista como situação de enunciação é suficiente para justificar que algo de novo – e de irrepitível, como o pressupõe o próprio conceito de *enunciação* – se produza aí, por ocasião de sua realização. Diremos, deste modo, que a entrevista não é mera ferramenta de apropriação de saberes, representando, antes, um dispositivo de produção / captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores.

### **2.3. A entrevista no âmbito da pesquisa acadêmica: objetivos de diferentes ordens**

Realizada a entrevista, o pesquisador há de perceber que nela sempre se produz um “material excedente”: no texto produzido como resultado do encontro do entrevistador com o entrevistado sempre haverá menção a fatos que não foram perguntados, assim como digressões, retificações etc. A intervenção do pesquisador se faz sentir ainda uma vez no momento exato em que, segundo critérios previamente estabelecidos, procede a um trabalho de “priorização” de determinados fragmentos em detrimento de outros que não lhe parecem relevantes. Isto nos mostra que a entrevista não é o *cópus* de análise, mas sim o campo de circulação de determinados discursos, campo esse que será recortado conforme os objetivos da pesquisa. Estamos, pois, no momento da decisão a respeito daquilo que nos interessará para a pesquisa, decisão que tomamos em função de diferentes critérios (teóricos,

metodológicos, de viabilidade de realização da pesquisa em função, por exemplo, do tempo de que se dispõe, etc.). Trata-se, acima de tudo, da produção de um campo e de um espaço discursivos (Maingueneau, 2002:97).

Diante da evidência de que o texto produzido na entrevista ainda não é o espaço discursivo sobre o qual trabalhará o pesquisador, é importante notar que os objetivos que traçamos para a entrevista não podem ser os mesmos da pesquisa que se realiza. A distância entre objetivos da entrevista e objetivos da pesquisa fica clara em Daher (1998), na explicitação do dispositivo de realização de entrevistas preconizado pela autora, o qual prevê o estabelecimento de objetivos, problemas, hipóteses e, finalmente, perguntas a serem efetivamente dirigidas ao entrevistado.

Se a distância entre as duas ordens de objetivos é suficientemente clara em Daher (1998), o mesmo já não ocorre quando se trabalha em uma perspectiva que naturaliza o dispositivo entrevista, isto é, quando o texto da entrevista é visto como “a realidade daqueles que dão um depoimento”. O erro em tais casos parece residir no esquecimento dos dois momentos de enunciação que caracterizam a entrevista, segundo Peytard e Moirand (1992):

*[na entrevista] há um diálogo que se co-constrói entre duas pessoas, mas esse diálogo é co-construído visando a um terceiro virtualmente ausente no momento do diálogo (os ouvintes ou os leitores)<sup>44</sup>... (Peytard & Moirand, 1992:179).*

Acreditamos que o que dizem Peytard e Moirand a respeito da entrevista no âmbito da comunicação midiática seja igualmente válido no que diz respeito à entrevista realizada como uma das etapas da pesquisa acadêmica: se o terceiro da comunicação midiática é o ouvinte ou o leitor, o terceiro da situação de pesquisa acadêmica é o próprio pesquisador<sup>45</sup>.

O mesmo parece ocorrer quando trabalhamos, por exemplo, com a organização de estratégias para acesso a uma massa de textos publicados na mídia de informação, como bem o demonstra a pesquisa de Sant’Anna (2004). Com efeito, há uma distância significativa entre o que a mídia publicou acerca

da indústria automotiva no marco do Mercosul e, por exemplo, o que veio a constituir o *cópus* de pesquisa da autora, o qual foi organizado com base na escolha de um dado período de coleta de textos em dois jornais, sendo privilegiadas determinadas entradas lingüísticas que deveriam figurar no título das notícias escolhidas. O que pretendemos dizer é que o pesquisador deverá construir estratégias de interlocução com uma dada massa de textos que possuem uma lógica própria, objetivando ter acesso a dados que não conduzirão diretamente à resposta ao problema de pesquisa. Uma resposta imediatamente encontrada significaria banalização do trabalho de pesquisa.

### 3. À guisa de conclusão

A reflexão que desenvolvemos neste artigo – reflexão certamente inicial e que exige desdobramentos – esteve voltada para a necessidade de repensar o lugar da entrevista considerada como dispositivo enunciativo de produção e de acesso a uma dada ordem de saberes, dispositivo que impulsiona os sujeitos a produzirem textos. Argumentamos favoravelmente ao interesse de uma concepção como a que sustentamos, recorrendo à noção de “condensação / retomada” de textos produzidos em interações anteriores que o dispositivo *entrevista* permite atualizar. Ratificamos, desse modo, a pertinência de um enfoque que, ao reconhecer a complexidade do dispositivo *entrevista*, possibilite articular minimamente três momentos distintos:

- o momento da preparação da entrevista: momento em que, lançando mão dos saberes que possuímos acerca do outro e com base em objetivos determinados, produzimos uma espécie de “roteiro” condutor de algo que se poderia considerar uma “interação antecipada” com o outro que se pretende entrevistar;
- o momento da realização da entrevista: situação que estará assentada nas bases definidas por um roteiro, responsável por atualizar, sob o signo da interação entrevistador – entrevistado, textos



já produzidos anteriormente em diferentes situações de enunciação;

- o momento que se segue à entrevista: situação na qual o pesquisador estará em condições de finalmente decidir sobre um corpúsculo sobre o qual trabalhará, a partir do conjunto de textos produzidos.

Desse modo, compreende-se por que a entrevista não pode ser entendida como mero instrumento de captação de um dito, como simples ferramenta que permitiria o acesso a “verdades reveladas” pelo entrevistado, como o sugerem muitos trabalhos na área. O ponto de vista que ora defendemos caminha no sentido oposto ao sustentado por essa visão “asséptica” da entrevista, vista como instrumento (naturalizado) de coleta de saberes variados. Ao contrário, o enfoque que defendemos para a entrevista representa, acima de tudo, uma opção política que fazemos diante do perfil de pesquisador que pretendemos construir e do modo como pretendemos lidar com a alteridade. A esse respeito, o conceito bakhtiniano de *exotopia* é revelador da dimensão ética da problemática da alteridade no que concerne à criação tanto teórica quanto artística: é preciso situar o olhar do outro e devolver-lhe um ponto de vista (o do pesquisador) sobre o referido olhar. Questão da ética em pesquisa, que pressupõe que não se anule a condição exotópica do entrevistador e do entrevistado, evitando-se confundir a ótica da pesquisa e a ótica do sujeito pesquisado, isto é, impedindo que venham a coincidir lugares que são essencialmente distintos e promovendo-se, pois, a alteridade:

*entre o discurso do sujeito a ser analisado e conhecido e o discurso do pesquisador que pretende analisar e conhecer, uma vasta gama de significados conflituais e mesmo paradoxais vai emergir. Assumir esse caráter conflitual e problemático da pesquisa em Ciências Humanas implica renunciar a toda ilusão de transparência: tanto do discurso do outro quanto do seu próprio discurso. (Amorim, 2003:12).*

## Bibliografia

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia (orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa – leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 11-25.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 421p.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do discurso*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2004, 555 p.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1995, 164 p.

DAHER, M. Del C. F. G. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The ESpecialist*, v. 19, no especial, 1998, São Paulo: Educ, p. 287-303.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1994, 270 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986, 99 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. 1. ed. Campinas: Pontes, 1989, 198 p.

MARTINEZ, Beatriz G. *Um mar no meio: a(s) identidade(s) construída(s) no discurso de imigrantes galegos no Rio de Janeiro*. 2003. 176 f.. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) *Pesquisa social*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 80 p.

MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann. *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, 132 p.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000, 120 p.

PEYTARD, Jean; MOIRAND, Sophie. *Discours et enseignement du français: les lieux d'une rencontre*. Paris: Hachette, 1992, 223 p.

PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma prática discursiva In: SPINK, M. J. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.183-214.

ROCHA, Décio. A opção por um espaço discursivo de análise: questões metodológicas. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVAZZI, Sigrid. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. 1.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 197-208.

SANT'ANNA, Vera Lucia de A. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul: heterogeneidade enunciativa e noção de subjetividade*. 1. ed. São Paulo: Educ, 2004, 247 p.

SANTOS, Zilda A. L. *Um estudo dialógico de notícias sobre os eventos de 11 de setembro e ataque ao Afeganistão*. 2003, 208 f.. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SZYMANSKI, Heloisa (org.) *A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002, 86 p.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990, 80 p.